

A EDUCAÇÃO COMO PRÁTICA LIBERTADORA EM PAULO FREIRE

EDUCATION AS A LIBERATORY PRACTICE IN PAULO FREIRE

LA EDUCACIÓN COMO PRÁCTICA LIBERTADORA EN PAULO FREIRE

Antônio de Oliveira¹

Resumo

Diante da hegemonia do pensamento neoliberal, que subordina a vida humana à lógica do mercado, este artigo resgata o pensamento de Paulo Freire para pensar a educação como prática de humanização. O objetivo é analisar os fundamentos da educação como prática libertadora no pensamento freireano, articulando três dimensões: a relação educacional como encontro entre seres humanos, a pedagogia do oprimido como caminho de conscientização e transformação social, e o amor como princípio ético-pedagógico do ato de educar. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, qualitativa e teórico-reflexiva, fundamentada na análise de obras centrais de Freire, em diálogo com comentadores como Arroyo, Ecco e Nogaro e Agostini. Os resultados evidenciam que, para Freire, ninguém educa ninguém nem se educa sozinho, pois os seres humanos se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo, pelo diálogo e pela práxis; que a pedagogia do oprimido exige a superação da contradição opressor-oprimido mediante a conscientização crítica; e que o amor freireano se aproxima do conceito de ágape, doação ao outro, fundamento da coragem pedagógica e da recusa a todo preconceito. Conclui-se que a educação libertadora proposta por Freire constitui uma prática relacional, dialógica e amorosa, que humaniza educador e educando, oferecendo um horizonte pedagógico atual para o enfrentamento das desigualdades e a construção de uma sociedade mais justa.

Palavras-chave: Paulo Freire; educação libertadora; conscientização; diálogo; amor pedagógico.

Abstract

In the face of the hegemony of neoliberal thought, which subordinates human life to market logic, this article revisits Paulo Freire's thought to conceive education as a practice of humanization. The objective is to analyze the foundations of education as a liberating practice in Freirean thought by articulating three dimensions: the educational relationship as an encounter between human beings; the pedagogy of the oppressed as a path toward critical consciousness and social transformation; and love as an ethical-pedagogical principle of education. This is a qualitative, bibliographic, and theoretical-reflective study based on the analysis of Freire's central works, in dialogue with commentators such as Arroyo, Ecco and Nogaro, and Agostini. The findings show that, for Freire, no one educates anyone, nor does anyone educate themselves alone; rather, human beings educate one another in communion, mediated by the world through dialogue and praxis. The findings further indicate that the pedagogy of the oppressed requires overcoming the oppressor-oppressed contradiction through critical consciousness and that Freirean love resembles agape, understood as self-giving to others and serving as the foundation of pedagogical courage and the rejection of prejudice. It is concluded that liberating education, as proposed by Freire, is a relational, dialogical, and loving practice that humanizes both educators and learners, offering a pedagogical horizon that remains relevant for confronting inequality and building a more just society.

Keywords: Paulo Freire; liberating education; critical consciousness; dialogue; pedagogical love.

Resumen

Ante la hegemonía del pensamiento neoliberal, que subordina la vida humana a la lógica del mercado, este artículo recupera el pensamiento de Paulo Freire para concebir la educación como práctica de humanización. El objetivo es analizar los fundamentos de la educación como práctica libertadora en el pensamiento freireano, articulando tres dimensiones: la relación educativa como encuentro entre seres humanos, la pedagogía del oprimido como camino de concienciación y transformación social, y el amor como principio ético-pedagógico del acto de educar.

¹ Mestre em Ciência da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Nove de Julho. <https://orcid.org/0009-0004-9723-7748>; E-mail: toniolivera71@gmail.com

Se trata de una investigación bibliográfica, cualitativa y teórico-reflexiva, fundamentada en el análisis de obras centrales de Freire, en diálogo con comentaristas como Arroyo, Ecco, Nagaro y Agostini. Los resultados evidencian que, para Freire, nadie educa a nadie ni se educa solo, pues los seres humanos se educan en comunión, mediatizados por el mundo, por el diálogo y por la praxis; que la pedagogía del oprimido exige la superación de la contradicción opresor-oprimido mediante la concientización crítica; y que el amor freiano se aproxima al concepto de ágape, entrega al otro, fundamento de la valentía pedagógica y del rechazo de todo prejuicio. Se concluye que la educación libertadora propuesta por Freire constituye una práctica relacional, dialógica y amorosa, que humaniza al educador y al educando, ofreciendo un horizonte pedagógico actual para afrontar las desigualdades y construir una sociedad más justa.

Palabras clave: Paulo Freire; educación libertadora; concientización; diálogo; amor pedagógico.

1 Introdução

O momento histórico atual é marcado por profundas transformações sociais e pela hegemonia do pensamento neoliberal, que subordina a vida humana à lógica do mercado, do lucro e da produtividade. Nesse cenário, resgatar o pensamento de Paulo Freire torna-se especialmente relevante, pois sua obra concebe a educação não como simples transmissão de conteúdos, mas como prática de humanização e libertação do ser humano.

Freire compreende o homem como um ser inacabado, em constante processo de vir a ser, que se constitui em relação com o outro, mediatizado pelo mundo. Para ele, “não há educação fora das sociedades humanas e não há homem no vazio” (Freire, 1967, p. 35), o que situa o ato educativo como fenômeno essencialmente relacional, dialógico e histórico.

Diante de uma sociedade ainda marcada por relações de opressão, dependência e marginalidade, a pedagogia freiriana surge como proposta de superação da contradição entre opressores e oprimidos, fundamentada na conscientização, no diálogo e, sobretudo, no amor como princípio ético do ato de educar.

Embora a obra de Paulo Freire seja amplamente estudada e comentada por diferentes áreas do conhecimento, observa-se que grande parte da produção acadêmica tende a abordar isoladamente os eixos de sua pedagogia, ora enfatizando a dimensão política e a conscientização, ora a crítica à educação bancária, ora aspectos biográficos de sua trajetória.

Verifica-se, contudo, uma lacuna na articulação sistemática entre três dimensões centrais de seu pensamento: a educação como encontro entre seres humanos, a pedagogia do oprimido enquanto processo de libertação e a dimensão do amor, compreendido à luz do conceito de ágape, como fundamento ético-pedagógico do ato educativo. Poucos estudos aproximam essas três frentes de modo integrado, o que limita a compreensão da pedagogia freiriana como um projeto coeso de humanização, e não apenas como um conjunto de categorias teóricas justapostas.

Diante do exposto, este artigo tem como objetivo analisar os fundamentos da educação como prática libertadora no pensamento de Paulo Freire, discutindo, de forma articulada, a relação educacional como encontro entre seres humanos, a pedagogia do oprimido enquanto caminho de conscientização e transformação social, e a dimensão do amor como princípio ético-pedagógico que sustenta o ato de educar.

Para alcançar tal objetivo, o presente artigo está organizado em três seções, além desta introdução e das considerações finais. A primeira seção, intitulada “A relação educacional como encontro entre seres humanos”, discute a concepção freireana de educação como processo relacional e dialógico, fundado na comunhão entre educador e educando. A segunda seção, “A educação como prática da liberdade”, aborda a pedagogia do oprimido como instrumento de conscientização e superação da contradição opressor-oprimido. Por fim, a terceira seção, “Educar é preciso, mas com amor”, discute a dimensão do amor, nas suas modalidades eros, philia e ágape, como princípio ético que fundamenta a prática pedagógica libertadora proposta por Freire, encerrando-se o artigo com as considerações finais decorrentes dessa análise.

2 A relação educacional como encontro entre seres humanos

“Não há educação fora das sociedades humanas e não há homem no vazio” (Freire, 1967, p. 35). A capacidade que o ser humano tem de se comunicar é incomparável com a de qualquer outra espécie na terra. Em um contexto marcado por relevantes transformações na sociedade brasileira, Paulo Freire (1979, p. 14) ganha destaque quando afirma que “não é possível fazer uma reflexão sobre o que é educação sem refletir sobre o próprio homem”. A compreensão de Freire sobre a humanização do ser humano constrói-se como uma ontologia do ser. Ele entende que o ser humano é um ser inacabado em processo constante de humanização.

Para Freire, a educação libertadora equivale à humanização do ser humano. A razão pela qual se faz necessária a educação é a percepção humana do próprio inacabamento, que o leva a buscar sempre ser mais perfeito. Tal busca deve ser feita pelo homem em comunhão com outros, haja vista que a busca solitária só leva a ter mais, sendo, no entanto, menos; já a busca em comunhão resulta em ser mais.

Seu pensamento filosófico parte de um contexto concreto para responder as necessidades do cidadão. Na obra “conscientização: teoria e prática da liberação” (1979, p. 16), consta que uma das características do homem é que somente ele é homem. Somente ele é capaz de tomar distância frente ao mundo. Somente o homem pode distanciar-se do objeto para admirá-lo. Objetivando ou admirando – admirar-se toma aqui no sentido filosófico – os homens

são capazes de agir conscientemente sobre a realidade objetivada. É precisamente isto, a “práxis humana”, a unidade indissolúvel entre minha ação e minha reflexão sobre o mundo.

A riqueza da concepção freireana de educação está contida na afirmação de que os humanos se educam em comunhão: “Ninguém educa ninguém, como tão pouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo” (Freire, 2007, p. 79). As nossas atividades são realizadas no mundo social, em situações concretas, e é através da relação entre seres humanos, nas suas diferentes modalidades, que realizamos muitas ações que nos interessam (Kleiman, 2006).

São as ações sociais, com objetivos sociais e como modos sociais de interação, as que determinam, em grande medida, os tipos de atividades que podem ser realizadas, que tipos de contextos podem ser construídos pelos participantes, quais são as interações possíveis. Mas, em qualquer instituição, até as mais inflexíveis e sedimentadas, há espaço para mudar, no dia a dia, situações que parecem imutáveis, pois os contextos não estão já dados; os participantes na interação criam, de fato, o contexto de ação.

Um primeiro aspecto que se pode julgar importante ressaltar, a fim de ressignificar a relação pedagógica, é este: o encontro entre educador e educando, antes de ser um encontro entre professor e aluno, é um encontro entre dois seres humanos. De um lado, um ser humano que, já mais avançado em idade e em experiência com a cultura construída, optou por ser educador e auxiliar o processo educativo de outros seres humanos, de outro, um ser humano que necessitando ser introduzido ao processo de construir, criticar e ressignificar cultura para poder construir-se a si mesmo como sujeito entre outros sujeitos, vai buscar na escola contribuições e perspectivas para tanto. Na expressão feliz de Miguel Arroyo:

O ofício de mestre, de pedagogo vai encontrando seu lugar social na constatação de que aprendemos a ser humano em uma trama complexa de relacionamento com outros seres humanos. Esse aprendizado só acontece em uma matriz social, cultural, no convívio com determinações simbólicas, rituais, celebrações, gestos. No aprendizado da cultura. De um lado, os adultos que vêm se fazendo humanos, aprendendo está difícil arte, de outro lado as jovens gerações que querem aprender a ser, a imitar os semelhantes. Receber seus aprendizados. Os aprendizados e as ferramentas da cultura (Arroyo, 2001a, p. 54).

Freire afirma ser o homem um ser de relações. Sua teoria pedagógica fundamenta-se nesse movimento dialógico que enfatiza a relação entre conhecimento, cultura e sociedade. Existe uma inter-relação entre cultura, educação e conhecimento, isto é, esses elementos conjugam-se, pois a prática educativa constitui-se numa situação de conhecimento: (...) a

educação, não importando o grau em que se dá, é sempre uma certa teoria do conhecimento que se põe em prática (Brandão, *et al.*, 1992). De acordo com Freire:

Enquanto a ação cultural para a libertação se caracteriza pelo diálogo, “somo selo” do ato de conhecimento, a ação cultural para a domesticação procura embotar as consciências. A primeira problematiza; a segunda “sloganiza”. Desta forma, o fundamental na primeira modalidade de ação cultural, no próprio processo de organização das classes dominadas, é possibilitar a estas a compreensão crítica da verdade de sua realidade (Freire, 1981, p. 66).

Para Freire, o ser humano é um ser de relações. Além disso, afirma a necessidade de estimular a consciência reflexiva no educando para que este reflita sobre sua própria realidade, possibilitando que suas relações sejam reflexivas, consequentes, transcendentais e temporais. Reflexivas, à medida que busca contemplar sua realidade; transcendentais por conseguir, por meio da reflexão, projetar um futuro de acordo com seus desejos, tornando sua relação também consequente; e temporais, por agir, perceber-se e construir-se, em seu tempo, como um ser social e histórico.

O ser humano tende à educação. Educar-se é um imperativo ontológico, pois pertence à sua própria natureza e concretiza a potencialidade e a possibilidade, que lhe é peculiar, do vir-a-ser humano, uma vez que nasce inacabado, não pronto. O educar, e seus processos, são condições para a hominização, pois ao nascer, não passa de um projeto (Ecco e Nogaro, 2013, p. 14).

É notório nos escritos freirianos que não existe apenas uma educação, mas educações, isto é, formas diferentes de os seres humanos partirem do que são para o que querem ser (Romão, 2008). Educamo-nos, obviamente, na relação, na interação, no convívio com outros seres humanos. E é nesse processo que aprendemos a ser gente, porque convivemos com gente. Educar, para Freire, é construir gente, humanizar os humanos na luta para denunciar e superar os elementos desumanizadores. A defesa e a vivência de procedimentos interativos, no ato educativo, notórias na teoria freireana, são reafirmadas por Miguel Arroyo:

Para Paulo Freire, educar sempre será uma relação de gente com gente, de adultos com crianças. (...) Para Paulo Freire, o caráter renovador da educação está no caráter intrinsecamente renovado de toda a relação humana, entre humanos. Formamo-nos no diálogo, na interação com outros humanos, não nos formamos na relação com o conhecimento. Este pode ser mediador dessa relação como pode também suplantar essa relação (Arroyo, 2001b, p. 47).

Freire acreditava que o ser humano, enquanto estivesse vivo, estaria nesse processo de relação de gente com gente, e que nessa relação, poderia construir o seu ser por meio do ato de

educar e da prática de humanização. Dessa forma, o ser humano torna-se mais humano e aprende a aprender por meio das relações humanas.

E nesta proposição está inserida a relação educacional como encontro entre seres humanos que, em síntese, é, também, promover, nos sujeitos, a capacidade de interpretação dos diferentes contextos em que estão inseridos, bem como, qualificá-los e instrumentalizá-los para a ação, nesses contextos, objetivando superações, transformações (Ecco e Nogaro, 2013, p. 13).

Para dar conta de uma educação humanizadora, que conscientize, promova transformações e liberte, observa-se que:

Paulo Freire parte dos educandos. Não se firmou como educador pelas análises sociológicas ou antropológicas, políticas ou econômicas que nos legou, mas pela sua sensibilidade afinada, pedagógica para com os processos de poder ou não poder sermos humanos nessa realidade, por vezes tão desumana (Arroyo, 2001b, p. 48).

Em relação à prática pedagógica, pode-se observar que o ato de educar não está voltado ao treinamento e nem a ele se reduz. O ato de educar está voltado à formação, à promoção dos educandos, seu verdadeiro sentido e significado.

3 A educação como prática da liberdade

Paulo Freire, por sua andarilhagem em meio aos oprimidos do mundo, conhecendo seu modo de pensar, seu nível de consciência e suas condições de lidar com a realidade, aponta-nos alguns caminhos que podem ser trilhados no sentido de discutir uma proposta educacional voltada à prática da liberdade. Desta forma, o texto faz breves reflexões sobre os conceitos e fundamentos da educação para a prática da liberdade, com a perspectiva de envolver, neste processo, aqueles que, comprometidos com as mudanças sociais, evidenciam a aprendizagem voltada à autonomia e à libertação.

A educação é essencial para o desenvolvimento dos homens e das mulheres no seio da sociedade. A busca é por uma educação libertadora, efetuada por meio da práxis, enquanto processo de ação e reflexão da mulher e do homem na história, no despertar de sua consciência crítica (Agostini, 2015).

Atualmente, o que impera na sociedade é a globalização neoliberal, a ideologia e o pensamento único do mercado acima da vida. Diante disso, deve-se repensar e dialogar sobre estratégias e desafios para uma educação popular e libertadora. O pensamento de Freire sempre esteve voltado à problematização da educação enquanto instrumento de libertação do povo.

A educação como prática da liberdade enquanto proposta de transformação torna-se a reflexão crítica e a ação como parte de um projeto social, tornando o político mais pedagógico na tentativa de humanização da própria vida, sendo a educação uma forma de libertar a sociedade da opressão (Silva, 2018, p. 1).

Pode-se observar que a teoria de educação como prática de liberdade de Freire repousa sobre uma afirmativa ontológica de que o aspecto definidor da existência humana é que produzimos história e cultura ao mesmo tempo em que ambas produzem a historicidade das pessoas.

Entendendo a “Pedagogia do Oprimido” como pedagogia humanista e libertadora, Freire pontua dois momentos centrais desta pedagogia: o primeiro, em que os oprimidos vão desvelando o mundo da opressão e vão comprometendo-se, na práxis, com a sua transformação; o segundo, em que, transformada a realidade opressora, esta pedagogia deixa de ser do oprimido e passa a ser pedagogia dos homens em processo permanente de libertação (Freire, 2007). A educação libertadora para Freire é fundamental na prática revolucionária, pois ele divulga a necessidade de uma revolução para depois pensar em educação.

A necessidade de uma pedagogia da libertação popular afirma-se em nosso cotidiano, porque em nossos corpos, mentes e em toda a prática social está a pedagogia do opressor, que legitima uma prática domesticadora, negando o direito de ser do povo. O diálogo em relação com a prática da liberdade requer que se retome a abordagem do diálogo como princípio pedagógico, o qual encerra possibilidades interativas e integrativas. Associada a isso, temos a educação problematizadora como possibilidade de libertação fundamentada na crítica, que é produzida por meio da reflexão-ação-reflexão e da criatividade dos(as) humanos(as) que não podem autenticar-se fora da busca e da transformação criadora (Freire, 2007).

Pode-se observar que, dessa forma, torna-se necessário descrever como os oprimidos podem se tornar capazes de desvelar o mundo da opressão. Para Freire, ao se iniciar o processo de libertação de opressores e oprimidos, é preciso criar no oprimido a consciência de sua própria condição de opressão. Isto é, Freire citando Marx-Engels, declara que “É preciso buscar a opressão real, ainda mais opressiva, acrescentando a ela a consciência da opressão” (Freire, 2007, p. 42).

Neste sentido, Paulo Freire (2007) acrescenta: “Pedagogia do Oprimido” que, no fundo, é a pedagogia dos homens empenhando-se na luta por sua libertação, tem suas raízes aí. E tem que ter, nos próprios oprimidos, que se saibam ou comecem a saber-se oprimidos, um dos seus sujeitos.

Nenhuma pedagogia realmente libertadora pode ficar distante dos oprimidos, quer dizer, pode fazer deles seres desditados, objetos de um “tratamento” humanitarista, para tentar, através de exemplos retirados de entre os opressores, modelos para a sua “promoção”. Os oprimidos hão de ser o exemplo, na luta por sua redenção (Freire, 2007, p. 45).

Paulo Freire partia da situação concreta de opressão que estabelecia relações de dominação e/ou de subordinação. Falar em participação e democracia, como na fase anterior, lhe parecia uma cilada. Ele identificou, então, realidades como opressão, dependência e marginalidade.

Com o vocábulo “opressão”, Paulo Freire relembrou os mecanismos que condicionam o pensamento e a conduta do oprimido, a tal ponto de este interiorizar, idealizar e reproduzir o contexto de opressão. Por dependência, definiu o estado de ser para o outro das sociedades dependentes em relação ao outro, gerando uma cultura do silêncio. E, ao nomear a marginalidade, quis identificar a violenta rejeição a que está sujeita grande parte da população, colocada à margem do sistema social e, por isso, oprimida de maneira alienante e desumanizante (Agostini, 2015).

Para contrapor-se ao quadro acima, Paulo Freire propôs uma *educação libertadora* ou *para a libertação*. Trata-se de uma pedagogia que parte dos oprimidos, numa ação do homem sobre o mundo, com a meta de superar a contradição opressor-oprimido e não promover a simples inversão dos papéis. Há diversas etapas a transpor para a realização desta meta. Paulo Freire (2007) descreve:

Até o momento em que os oprimidos não tomam consciência das razões de seu estado de opressão, “aceitam” fatalisticamente a sua exploração... O convencimento dos oprimidos de que devem lutar por sua libertação não é doação que lhes faça a liderança revolucionária, mas resultado de sua conscientização... (A própria liderança) chegou a este saber... por um ato total de reflexão e ação. Foi a sua inserção lúcida na realidade, na situação histórica, que a levou à crítica desta mesma situação e ao ímpeto de transformá-la. Assim também é necessário que os oprimidos... se insiram criticamente na situação em que se encontram e de que se acham marcados (Freire, 2007, p.57, 58, 61, 62).

Nesse caso, Freire apresenta dois modelos: o de si próprio ou o de desejo dentro do grupo dos oprimidos. Não faltaram dificuldades neste processo, tais como a autodepreciação, a falta de confiança e a conivência com o regime opressor. Isto resultava em atitudes passivas e alienadas, em vez de assumir a própria luta. É que só a redenção livra da opressão e do sofrimento. Dessa maneira, a prática pedagógica para fundamentar a prática da liberdade requer enfrentamentos e decisões, não descuidando da articulação dos objetivos, conteúdos, procedimentos metodológicos e da avaliação.

Ele deixou claro que é importante adaptar o processo de ensinar e aprender ao contexto em que este ocorre e que se deve sempre fazer uso da criatividade, combatendo o sectarismo, pois este, ao castrar a criatividade, defende a verdade absoluta e não acredita nas coisas acabadas, prontas, definitivas.

Sobre este pensamento, Paulo Freire (2007) afirma que é preciso ser:

(...) aquela que tem que ser forjada com ele (oprimido) e não para ele, enquanto homens e povos, na luta incessante de recuperação de sua humanidade. Pedagogia que faça da opressão e de suas causas objeto de reflexão dos oprimidos, de que resultará o seu engajamento necessário na luta por sua libertação, em que esta pedagogia se fará e refará. O grande problema está em como poderão os oprimidos, que hospedam o opressor em si, participar da elaboração, como seres duplos, inautênticos, da pedagogia de sua libertação (Freire, 2007, p. 34).

Assim sendo, o inacabado do ser ou sua inconclusão é própria da experiência vital. Onde há vida, há inacabamento. Aqui, pode-se acrescentar que o ser humano, como um ser inacabado, precisa de motivação para ir sempre em busca de ajuda para a realização desse processo. Logo, ele precisa encontrar um propósito para sua vida. Já quanto à finalidade de sua vida, Sung (2006) *apud* Silva (2009) declara que:

O sentido é o que sente, o que segue ou se persegue e o que se compreende. Quando falamos do sentido da vida estamos tratando de duas acepções: direção e significado; isto é, se a vida tem uma direção (finalidade) que devemos seguir e se ela tem uma significação (Silva, 2009, p. 18).

Em sua perícope, Sung apresenta dois pontos fundamentais que colaboram para acrescentar à enunciação de Freire acerca do inacabado. Primeiro, o ser humano precisa de uma direção. Segundo, essa direção precisa ter um sentido. Nesse sentido, a concepção educacional de Paulo Freire parte de um entendimento antropológico de que as pessoas são seres inacabados exatamente pela sua condição de seres culturais.

Os seres humanos são indivíduos inacabados que vivem em um processo de busca contínua e de autossuperação, ou seja, os seres humanos querem ser mais. Os seres humanos se vão formando em suas relações sociais. Sempre poderão saber, descobrir e fazer coisas novas, diferentes; não se pode dizer que sejam obras “terminadas”, mas, pelo contrário, são seres em projeto, em mudança constante.

Na definição de Paulo Freire, o ser humano é um ser inacabado e consciente de seu inacabamento, sendo, portanto, um ser em constante busca, busca que implica um sujeito, um ponto de partida e um objetivo. O sujeito da busca é o próprio homem. Quando o direito de buscar de cada indivíduo não é tolerado, ele torna-se objeto. Como nós vivemos num certo

tempo e espaço, o ponto de partida deve ser não só a pessoa, mas também o mundo (Gadotti, 1996). Ele constrói sua pedagogia baseando-se na crença da igualdade ontológica dos seres humanos, enquanto seres capazes de crítica autêntica, finitos, inacabados e históricos.

Este ser temporalizado e situado, ontologicamente inacabado, sujeito por vocação, objeto por distorção, descobre que não só está na realidade, mas também que está com ela (Freire, 1979). Este princípio, que é de caráter antropológico e que explica o lugar do ser humano em seu universo natural e social, conduz à afirmação de que no “círculo de cultura” – a aula para a educação tradicional – o educando não é objeto, mas sujeito da educação. Este sujeito está “tornando-se” porque é inacabado e sua vocação sempre será “ser mais” (Gadotti, 1996, p. 574).

Ao diferenciar cultura e natureza, o autor provoca uma teoria crítica da construção educativa, uma vez que tudo que é cultural é socialmente produzido e pode ser problematizado. Assim, se a natureza é um dado, a sociedade é uma construção. Freire ressalta ainda que os seres humanos têm plena consciência de si e do mundo; daí surge a necessidade de se educar e reeducar tal consciência, tarefa essa que não é fácil (Freire, 1982). Nelino Azevedo de Mendonça (2008) comenta que o ser humano é um ser em construção e encontra-se sempre inacabado. Assim, entram a escola e a família como agentes dessa importante construção.

Moacir Gadotti (1996) expõe que a educação visa à libertação, e, se não consegue libertar, não cumpre o seu próprio papel. Para Freire, educar para a liberdade pode desconstruir o medo de aprender a ser mais instaurado no âmbito educacional pelo opressor, pois a dominação revela um amor patológico: sadismo no dominador, masoquismo no dominado. O amor é um ato de valor, não de medo; ele é compromisso para com os homens, uma vez que nada se pode temer na educação quando se ama, haja vista que não há educação sem amor. O amor implica luta contra o egoísmo. Quem não é capaz de amar os seres inacabados não pode educar (Freire, 1979).

4 Educar é preciso, mas com amor

Quando se dialoga acerca do amor na narrativa freireana, entende-se que ele não se refere a qualquer tipo de amor. Em suas obras e na sua prática pedagógica, o vocábulo amor tem uma originalidade toda especial. É bem verdade que a palavra amor na filosofia tem mais de uma palavra para definir o termo amor. Isso porque, para eles, amor não era só aquele sentimento presente em um relacionamento amoroso. Os três tipos de amor definidos pelos gregos e utilizados por muitos autores até os dias atuais são: *eros*, *philia* e *ágape*. Definir “frio

e calor”, “fome e sede”, “saúde e doença” é fácil, mas, sendo o amor um sentimento tão íntimo e peculiar, torna-se complicado para nós humanos, dar uma definição abrangente do amor.

Na língua portuguesa, só se consegue compreender o significado da palavra amor quando o termo está inserido na frase; destarte, tem-se ciência de qual é o significado da palavra no contexto em que está sendo usada. Paulo Freire foi um mestre e um líder na educação, e seus ensinamentos versavam sempre na lógica da amorosidade e do afeto. Dessa forma, a que noção de amor Paulo Freire se refere na pedagogia problematizadora, liberadora e dialógica? Para entendê-lo, somos quase que forçados a recorrer a três dimensões do amor sugeridas por três grandes mestres.

O amor de Platão², o pai da filosofia, no diálogo “O Banquete”, define o amor como *eros* que pode ser traduzido como desejo ou falta. Amor na ausência ou falta. Quem nunca ouviu a expressão "amor platônico"? Afinal, amamos mesmo o que desejamos. E não há quem não deseje. O que lhe faz falta, claro. Amor pelo que não tem, por exemplo: pelas metas e resultados a alcançar, pelo lucro esperado.

Eros se baseia no desejo pelo que não se tem, numa espécie de equação macabra que faz a vida oscilar entre a frustração de amar e desejar o que não se tem ou o enfado de ter o que não se ama mais. Amamos enquanto desejamos. A má notícia é que, quando o desejo acaba, é porque o amor acabou também, porque amor é desejo, é falta. Por essa lógica platônica, o amor pelo trabalho seria sempre no desemprego. Quem está desempregado deseja trabalhar, se esforça e sonha com isso. Quando finalmente consegue o emprego e fica com trabalho até as tampas, passa a desejar a folga e as férias. É preciso renovar o desejo, renovar a falta para alimentar o *eros*. O *eros* de Platão é o sangue no olho e a faca nos dentes do jargão dos Recursos Humanos.

Aristóteles³, o pai da ciência, recorreu à palavra *philia* (alegria), para sua definição de amor, marcado pela presença. *Philia*, amor na presença, desta vez, pelo que já é nosso, pelo encontro vivido, pelo que alegra e pelo regozijo. Amor mais raro que o primeiro, certamente. Afinal, ir atrás do que se deseja é movimento de qualquer um. Mas conseguir se alegrar com a mesma mulher um quarto de século depois do matrimônio, aí, sim, já exige um pouco de sofisticação. É o amor pelo encontro, pelas pessoas que já estão ao seu lado, pelos filhos que você já tem e não os que você gostaria de ter, pelo emprego que já é o seu, e não aquele que

² Platão (c. 428/427 - Atenas, 348/347 a.C.), os seus primeiros passos na Filosofia foram dados sob a influência da doutrina heraclitiana.

³ Aristóteles nasceu em 384 a. C. e morreu em 332 a.C., na pequena cidade de Estagira, na região norte da Grécia continental, junto à Trácia e a Macedônia.

você sonha. É o amor pelo cargo que ocupa: eu amo ser professor, administrador de empresa, coordenador pedagógico, fazer um curso de mestrado, de doutorado etc.

O amor de Aristóteles é o amor pelo mundo, quando o mundo faz bem. Não é desejo, é alegria, ganho de potência e de energia vital diante de um mundo que já é o nosso. Nós temos que permitir que o amor de Platão possa se converter em amor de Aristóteles, para que cada pessoa possa ter prazer em servir o outro, não enxergando a felicidade apenas para um grupo de pessoas ou departamentos, mas ficando alegre e encantada com a realidade que já é a sua, com os irmãos e amigos que já são os seus. A possibilidade de ser feliz na família, na escola, na igreja, no trabalho é incompatível com expressões tão abundantemente repetidas como “sair da zona de conforto”. Mas há ainda um terceiro conceito de amor, que é o amor de *ágape*.

Reflitamos agora numa terceira noção do amor, que é o amor *ágape*, que não é *eros*, porque não é desejo de quem ama, nem é *philia* porque não se limita à alegria de quem ama. *Ágape* é um amor muito diferente dos dois primeiros, é amor pelo próximo, seja ele, qualquer um. Por isto mesmo, não se confunde nem com o desejo nem com a alegria de quem ama. Afinal, não desejamos qualquer um, depois de uma certa idade, não sei não. Tampouco nos alegramos com qualquer um. Como seria boa a vida e a convivência se assim fosse. *Ágape* é afeto do amante centrado no amado. Deus amou a humanidade. Que por ele e sua alegria muito fará. Amor que faz bem a ambos, faz bem demais. Tanto no desejo quanto na alegria, o que importa é quem ama.

Com o amor *ágape* é diferente: o que importa no amor *ágape* não é o desejo ou a alegria de quem ama, mas a alegria do amado. Por alguma estranha razão, no amor *ágape*, você que ama recua para que o amado avance. No amor *ágape*, o outro comanda o espetáculo, o amado é o centro de gravidade do afeto. É o exemplo do amor de Deus pela humanidade na narrativa do quarto evangelho (João 3:16) e na carta universal, que descreve que Deus é amor (1 João 4:8). Essa é a ideia de um amor desinteressado, diz Noêmia dos Santos Silva (2009). Um amor que não carece de nada, pois ele basta a si mesmo. Um amor que não é falta, nem depende do amor do outro para existir. Não é *eros* nem *philia*, mas é *ágape*, que se esquece de si mesmo e se doa pelo outro.

Após refletirmos acerca dos três conceitos de amor, *eros*, *philia* e *ágape*, podemos refletir sobre qual dos vocábulos está firmada a pedagogia dialógica de Paulo Freire, uma vez que ele foi um mestre e um líder na educação, e seus ensinamentos versavam sempre na lógica da amorosidade e do afeto. Sendo ele amoroso, que tipo de amor ele sentia pelas pessoas ao ponto de investir sua vida em causas educacionais tão convictas?

O princípio humanizador baseado no amor, no afeto, no respeito é a essência das obras de Freire, e devemos reconhecer que é humanamente correto. Frente a isso, deparamo-nos com a instigadora provocação: quais as possibilidades de vivenciar uma educação humanizadora numa sociedade assinalada por situações desumanizadoras? A possibilidade está em conceber e orientar as ações pedagógicas por princípios e valores humanizadores (Ecco e Nogaro, 2013).

Paulo Freire, em sua obra “Educação como Prática da Liberdade” (1967) manifesta “A educação é um ato de amor, por isso, um ato de coragem. Não pode temer o debate, a análise da realidade. Não pode fugir à discussão criadora, sob pena de ser uma farsa”. Pode-se observar que suas palavras e sua prática elucidam que a maior e mais bonita expressão do ato de educar é a solidariedade. Quem educa expressa solidariedade e amor aos educandos e à sociedade. Algo incomum para um sentimento platônico, não é... Por quê? Porque a educação é a manifestação do ato. O amor é o princípio do processo pedagógico (Dickmann, 2020).

Numa sociedade marcada pela educação oprimida, agressiva, conservadora, centralizada na figura do professor e na estrutura da escola tradicional, educar é um ato de amor, é um ato de coragem, de ousadia, de afeto, porque ousa subverter esta estrutura.

A luta contra as injustiças é, para Freire, um ato de amor dos oprimidos, dos esfarrapados do mundo, dos condenados da terra e daqueles que com esses se solidarizam realmente. Ao lutarem pela restauração de sua humanidade, os oprimidos se oporão ao desamor contido na violência dos opressores. Como poderão os oprimidos, que hospedam o opressor, participar de uma pedagogia de sua própria libertação? Portanto, é a partir do reconhecimento do opressor que existe no oprimido que esse deixará de ser um condenado em seu próprio território e enxergará em sua cultura os saberes fundamentais para a contestação da dominação imposta.

Certamente, é contra esse aprisionamento do oprimido em seu território que advoga a pedagogia freiriana, quando propõe que, na perspectiva dialógica, se deva partir da experiência do educando, de sua cultura e dos conhecimentos presentes na vida comunitária quando se inicia o processo de ensino-aprendizagem (Padilha *et al.*, 2019).

Entender que educar é um ato de amor e afeto pressupõe ações dos educadores e educadoras que afirmam essa expressão. Viver a educação na sua essência é promover a aceitação das diferenças, recusando fortemente qualquer forma de discriminação de gênero, raça, origem e classe social (Carvalho, 2007).

Paulo Freire (2011) em “Pedagogia da Autonomia” faz uma bonita e tocante afirmação: “A prática preconceituosa de raça, de classe, de gênero ofende a substantividade do ser humano e nega radicalmente a democracia”. O amor se concretiza e se afirma a partir da aceitação do que há de diferentes. Amo e, por esse motivo, respeito seu direito de ser.

Possivelmente não consigamos falar de um amor que não espera nada em troca. É muito comum dizer que quem realiza um ato por amor não espera retribuição da pessoa amada. Para Paulo Freire (1979), essa afirmação é falsa. Em relação a isso, ele declara o seguinte:

O amor é uma tarefa do sujeito. É falso dizer que o amor não espera retribuições. O amor é uma intercomunicação íntima de duas consciências que se respeitam. Cada um tem o outro, como sujeito de seu amor. Não se trata de apropriar-se do outro (Freire, 1979, p. 15).

Compreende-se que, para educar, é preciso reconhecer o outro como sujeito e não como objeto. Pensar em um mundo mais justo, em uma educação com amor, democrática, humanizadora, é pensar em um mundo onde os homens amem, pois não se faz educação democrática sem amor, assim como não se faz homens sem o outro homem; pensar em um mundo democrático consiste em pensar o homem como ser reflexivo, transformador e conhecedor de sua própria história enquanto sujeito social.

Através dos escritos, verifica-se que Freire sempre foi muito insistente quanto ao foco pedagógico no contexto de educar com amor. Haja vista que foi a sua experiência de vida que transformou Paulo Freire em um ser humano amoroso a ponto de se doar para defender as pessoas oprimidas, uma vez que, ele percebeu que ser pobre não significa estar eternamente condenado à opressão e ficar à margem da sociedade. Para Freire, o amor do opressor se tolhe e se limita pela sua própria condição de opressor. Aqui, o mais banal, o mais vulgar é também o mais verdadeiro: se amasse, não oprimiria; aquele que ama, não conheceria razão para oprimir.

O amor do oprimido, por outro lado, por não ter limites, torna-se por isso mesmo, a sua grande força, a sua extraordinária potência singular, diferencial. De algum modo, é isso o que se diz: só se pode amar enquanto oprimido, da posição do oprimido. E, talvez, não seja o caso de se confundir simplesmente essa condição a uma posição social de opressão. É antes uma posição ‘transcendental’. Em qualquer situação, o que oprime, ama menos. E o oprimido, por outro lado, só pode amar. Caberá então ao oprimido, na condição daquele que ama-mais, buscar, através e a partir dessa condição mesma, a possibilidade de sua libertação (Maia, 2020, p. 10).

E é nesta linha que Freire concebe o diálogo, como um encontro por meio da mediação do mundo e cujo objetivo é dar um nome a este mundo.

Mas este encontro para “dar um nome ao mundo” - e aqui Freire volta a insistir na virtude-base de todo diálogo libertador – não pode prescindir do amor. O amor é a base do encontro dos homens que procuram tornar o mundo mais humano. E, então, com estas coordenadas, “encontro”, “mundo mediador” e “amor”, Freire parte para a sua definição de diálogo: “um encontro amoroso dos homens que, mediatizados pelo

mundo, o pronunciam, isto é, o transformam e transformando-o, o humanizam para a humanização de todos (Jorge, 1979, p. 35, 36).

Paulo Freire colocava o amor e a esperança como valores fundamentais da educação. Dedicou toda sua vida na divulgação da pedagogia do amor, por meio de ações concretas, inspiradas na dimensão social, ética e crítico-reflexiva. Nesta vivência dinâmica e dialógica é que se faz nascer a beleza do processo de ensinar e do aprender. A pedagogia do amor tem um caráter de cuidado da pessoa na sua totalidade e na sua integralidade. Possivelmente seja um atrevimento, mas nas breves reflexões apresentadas, descreve-se que o amor que Paulo Freire tinha pelo povo não é apenas um amor *eros*; nem *philia*, mas um amor *ágape*.

O amor de doação vai até o extremo, porque há um compromisso com quem ama. Um amor que se doava a si mesmo por uma causa, um amor que enfrenta o sacrifício para não desistir da pessoa amada que precisa de liberdade. Um amor que abre mão de sua própria vida, de viver os seus sonhos para se empenhar em viver o sonho libertador de um povo (Silva, 2009).

Paulo Freire coloca diversas exigências, as quais se constituem em componentes essenciais de todo diálogo libertador. Esses componentes essenciais são: o amor, a humildade, a fé e a confiança nos homens e a esperança. A partir disso, Paulo Freire não admite que os homens não sejam capazes de comunicação, porque, por natureza, são comunicação (Azevedo, 2010). Ora, os homens se comunicam pela palavra e, para Paulo Freire, toda palavra autêntica é práxis e a prática é ação e reflexão dos homens sobre o mundo com o objetivo de transformá-lo por meio da educação com amor.

5 Considerações finais

O presente artigo teve como objetivo analisar os fundamentos da educação como prática libertadora no pensamento de Paulo Freire, articulando três dimensões centrais de sua obra: a relação educacional como encontro entre seres humanos, a pedagogia do oprimido enquanto caminho de conscientização e transformação social, e o amor como princípio ético-pedagógico do ato de educar.

A análise evidenciou que, para Freire, ninguém educa ninguém nem se educa sozinho, mas os seres humanos se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo, por meio do diálogo e da práxis. Constatou-se, ainda, que a superação da contradição opressor-oprimido depende da conscientização crítica dos sujeitos, e que o amor freireano, aproximado do conceito de ágape, sustenta a coragem pedagógica necessária à recusa de toda forma de opressão, preconceito e discriminação.

Os resultados confirmam a atualidade e a coerência interna do pensamento freireano, revelando que suas categorias — humanização, conscientização e amor — não constituem elementos isolados, mas partes de um mesmo projeto pedagógico de libertação. Essa articulação representa uma contribuição relevante para os estudos sobre Paulo Freire, na medida em que integra dimensões frequentemente tratadas de forma fragmentada na literatura.

Do ponto de vista prático, a pesquisa reforça a importância de uma formação docente pautada no diálogo, na escuta e no afeto, oferecendo subsídios para a construção de práticas pedagógicas mais humanizadoras em contextos formais e não formais de educação, especialmente diante de cenários sociais marcados por desigualdade e exclusão.

Recomenda-se que estudos futuros aprofundem a investigação empírica da pedagogia freireana em contextos educativos concretos, verificando como os princípios da conscientização e do amor ágape se materializam na prática docente. Sugere-se, também, a realização de pesquisas comparativas entre a pedagogia de Freire e outras abordagens críticas e humanistas da educação, bem como estudos que explorem a recepção e a atualização de seu pensamento diante dos desafios contemporâneos, como a educação em ambientes digitais e as novas formas de opressão social.

Referências

AGOSTINI, N. Prática da liberdade e ação libertadora. A arte de educar em Paulo Freire. *In: REUNIÃO DA ANPED*, 37., 2015, Florianópolis. **Trabalhos (...)**, Florianópolis: ANPED, 2015. Disponível em: <http://37reuniao.anped.org.br/wpcontent/uploads/2015/02/Trabalho-GT17-4416.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2021.

ARROYO, M. G. **Ofício de mestre: Imagem e autoimagem**. Petrópolis - RJ, Vozes, 2001a.

ARROYO, M. G. Currículo e a pedagogia de Paulo Freire. *In: RIO GRANDE DO SUL. Secretaria de Educação. Caderno pedagógico 2: Semana Pedagógica Paulo Freire*. Porto Alegre: Corag, 2001a, p. 42-54. 2001b;

AZEVEDO, J. A. Fundamentos filosóficos da pedagogia de Paulo Freire. **AKRÓPOLIS - Revista de Ciências Humanas da UNIPAR**, [S. l.], v. 18, n. 1, 2010. Disponível em: <https://revistas.unipar.br/index.php/akropolis/article/view/3115>. Acesso em: 23 set. 2026.

BRANDÃO, C. R. *et al.* **O Educador: Vida e morte**. Rio de Janeiro; Edições Graal, 1992, p. 95. Disponível em: http://www.acervo.paulofreire.org:8080/jspui/bitstream/7891/1460/2/FPF_OPF_03_004.pdf Acesso em 10/06/2021.

CARVALHO, F. A. de. **O Ato de Educar em Paulo Freire**. Rio de Janeiro: 2007, p. 19. Disponível em: <http://www2.unirio.br/unirio/cchs/educacao/graduacao/pedagogia-presencial/FlaviaAssisdeCarvalho.PDF> Acesso em: 18/06/2021.

DICKMANN, I. (org.) **Educar é um ato de amor**. Veranópolis – Rio Grande do Sul: Editora Diálogo Freiriano, 2020.

ECCO, I; NOGARO, A. Paulo Freire: da concepção de educação e das virtudes do educador para uma educação humanizadora. *In*: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO - EDUCERE-2013, 15., 2013. **Anais [...]** Curitiba, PR, 2013. Disponível em: https://educere.bruc.com.br/CD2013/pdf/7364_4843.pdf Acesso em: 10/06/2021.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

FREIRE, P. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

FREIRE, P. **Conscientização: teoria e prática da Libertação**. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

FREIRE, P. **Ação cultural para a libertação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

GADOTTI, M. (org.). **Paulo Freire: uma biobibliografia**. São Paulo: Editora Cortez e Instituto Paulo Freire, 1996

JORGE, J. **A ideologia de Paulo Freire**. São Paulo: Loyola, 1979.

KLEIMAN, A. B. Leitura e Prática Social no Desenvolvimento de Competências no Ensino Médio. *In*: BUZEN, C.; MENDONÇA, M. (orgs). **Português no Ensino Médio e Formação do Professor**. São Paulo: Parábola, 2006.

MAIA, L. O Amor em Paulo Freire. *Revista ensaios e pesquisa em educação e cultura* – 2020. **Revista Ensaios e Pesquisa em Educação e Cultura**, vol. 5, n.8, 2020. DOI: <https://doi.org/10.29327/211303.5.8-3>. Disponível em: <https://costalima.ufrrj.br/index.php/REPECULT/article/view/559/844>. Acesso em: 10 jun. 2021.

MENDONÇA, N. A. de. **Pedagogia da humanização**. A pedagogia humanista de Paulo Freire. São Paulo: Paulus, 2008.

PADILHA, P. R. *et al.* Biz. (Org.). **50 olhares sobre 50 anos da Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2019.

ROMÃO, J. E. **Educação**. *In*. STRECK, D.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J. J. (orgs.) **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

SILVA, M. M. de L. Paulo Freire: a educação como prática da liberdade na construção social do sujeito. *In*: CONEDU – CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 5., 2018. **Anais [...]**[s.l.], 2018. Disponível em: https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2018/TRABALHO_EV117_MD1_SA5_ID2575_30082018091317.pdf. Acesso em: 10 jun. 2021.

SILVA, N. d. S. **Amor e Revelação na pedagogia dialógica**: diálogo entre Paulo Freire e Juan Luis Segundo. São Bernardo do Campo -SP, 2009. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - UMESP. Disponível em: <http://tede.metodista.br/jspui/handle/tede/503#preview-link0>. Acesso em: 10 jun. 2021.

Data de submissão: 17/08/2026

Data de aceite: 03/09/202